

As bases do amor materno, fundamento da melancolia.*

Manoel Tosta Berlinck**

No dia 11 de janeiro de 1911, Margarete Hilferding proferiu uma conferência sobre “As bases do amor materno”, na *Sociedade Psicanalítica de Viena* para um público composto de 20 homens, incluindo Sigmund Freud.

Hilferding foi a primeira mulher aceita e reconhecida como psicanalista e a surpreendente reflexão que apresentou naquela reunião produziu intensas reações em seus ouvintes.

A principal proposição, inovadora e ainda hoje controversa, apresentada por Margarete Hilferding (Hilferding, Pinheiro e Vianna, 1991) é a de que o bebê representa para a mãe um objeto sexual natural.

“Acontece freqüentemente”, diz ela, “que mães que muito se alegraram com a idéia de que um filho iria nascer ficam decepcionadas quando ele nasce e não experimentam verdadeiro sentimento de amor materno. Se esse sentimento aparece, no entanto mais tarde, tem-se a impressão de que não são tantos os fatores fisiológicos que desempenham papel decisivo: uma certa compaixão, a convenção que exige amor por parte da mãe etc. Esses fatores psicológicos são encontrados como substitutos do amor materno fisiológico, mais particularmente nas esferas educadas.” (Hilferding, Pinheiro e Vianna, 1991, p. 89)

“Por outro lado,” prossegue Hilferding, “seria de se esperar que o amor materno aparecesse imediatamente após o nascimento ou mesmo antes. Ora, esse não é o caso. Ao contrário, a ausência de amor materno freqüentemente se exprime pela recusa em amamentar a criança ou pela intenção de não ficar com ela. Se, no entanto, consegue-se, através de algum truque qualquer, colocar a criança no seio da mãe, é freqüente que ela não queira mais se separar da criança.” (idem, p. 89)

“A ausência do amor materno pode se apresentar sob outra forma e se expressar por atos diretamente hostis em relação à criança; na nossa vida social, ganham, por um lado, a forma de infanticídio e, por outro lado, de sevícias exercidas sobre a criança.” (idem, p. 90)

Margarete Hilferding inaugura, dessa forma, uma longa e rica tradição de estudos sobre a natureza da relação mãe-bebê.

Sua conferência produziu, também, outras repercussões no pensamento de Freud, que levaram à pesquisa sobre a constituição do aparelho psíquico e, mais precisamente, ao narcisismo e à origem do superego.

Antes, porém, de considerar algumas das conseqüências do trabalho de Hilferding para a metapsicologia psicanalítica, é necessário considerar o que ela quis dizer com “O bebê representa para a mãe um objeto sexual natural”.

Essa frase é, na verdade, fundamental para toda a psicanálise freudiana. Ela se refere à natureza “pré-humana” do humano, ou seja, o pressuposto básico segundo o qual o humano é uma espécie animal pertencente à natureza. O psiquismo, manifestação específica dessa espécie, é, para Freud, uma vicissitude da evolução, resultado do acaso e da necessidade. O psiquismo e suas manifestações não compõem, assim, uma metafísica, ou seja, um âmbito separado e distinto da física do humano. Ao contrário, essa delirante distinção é produto de uma ideologia historicamente datada,

formulada, de maneira clara e precisa por Descartes. A psicanálise freudiana não é uma metafísica, pois o físico e o psiquismo não se separam nunca. Todas as manifestações psíquicas, sem exceção, fazem parte da física, ou seja, daquilo que se denomina “corpo”. O ego, por exemplo, é, segundo Freud, sempre corporal. Não se trata, portanto, de manifestação metafísica do corporal. Não há, conseqüentemente, na psicanálise freudiana, lugar para uma psicossomática, pois o psíquico é sempre somático. Com isso é possível se dizer que Id, Ego e Superego são físicos, ou seja, corporais e são manifestações do corporal.

A própria noção de corpo, em Freud (1998), é física e não supõe um organismo, noção que se deriva do físico.

Formulando o bebê como objeto sexual natural da mãe, Hilferding supõe que este é parte do físico da mãe. Todas as representações feitas pela mãe a respeito do bebê são manifestações físicas, abrindo espaço para pensar tudo o que vem depois nessa ótica evolucionista.

Assim, o amor materno não sendo natural, é uma construção, ou seja, uma vicissitude baseada numa espécie de paixão, estamos no âmbito da desilusão. Esta, por sua vez, refere-se ao ideal materno, ou seja, à uma imagem intensamente investida antes do nascimento, que se desfaz quando surge a criança. Hilferding descreve, então, uma situação que só em 1914 será conceituada por Freud como “narcisismo”. Aliás, é esse o poder dessa conferência: ela é o fundamento de um aparato conceitual elaborado mais tarde. Retornar a ela é, em grande parte, retornar ao fundamento da psicanálise.

Como observa bem mais tarde Piera Aulagnier (1991), o casal parental concebe inconscientemente o filho antes da gestação. Essa concepção, vicissitude evolucionista, é um conjunto de imagens e, como tais, idealizadas, construídas a partir do narcisismo parental. Assim, antes de existir, a criança é um ideal narcísico do casal parental, vale dizer, preenche aquilo que falta. Não há, portanto, como nota Hilferding, amor envolvido nessa concepção: há narcisismo. Quando se diz que a criança é o falo da mãe, a referência é narcísica e não amorosa. A gestação é um processo libidinal como é o narcisismo: o corpo da mãe encontra-se investido por uma quantidade de energia impregnada de imagens dos objetos anteriormente investidos pela mãe e agora, com a gestação, essas imagens retornam para seu corpo contendo o feto. São esses objetos intensamente investidos que compõem o ideal parental.

Não há como confundir narcisismo com amor. Porém, Hilferding dá um passo adiante bem antes do conceito de narcisismo. A dinâmica narcísica não é amorosa. Ao contrário, é marcada por um movimento libidinal natural, onde objetos investidos são desinvestidos retornando para o corpo da mãe. Esse movimento narcísico ocorre baseado na falta: tanto o investimento libidinal em objetos como a retirada da libido e o retorno ao corpo é um complexo movimento regido pela falta. Objetos, portanto, tem sempre um componente ideal, ou seja, existem para suprir a falta, aquilo que falta no ego sempre corporal. Porém, como hoje, depois de Freud, é sabido, o objeto falha, pois não atende à exigência do preenchimento da falta. O ideal é, pois, uma outra vicissitude narcísica visando atender à falta no ego.

O nascimento freqüentemente provoca como observa Hilferding, uma desilusão: o ideal não encontra correspondência na realidade. O bebê – produção narcísica – ao nascer deixa de ser o ideal. Do ponto de vista da mãe,

fruto de uma ilusão, o bebê, por ser real, provoca uma desilusão. Ora, o objeto da desilusão passa, com freqüência, a ser desprezado e até mesmo odiado, já que deixa de cumprir a função para o qual foi concebido.

Por outro lado, é essa situação que engendra, no bebê, o ideal. Visto como um ideal rejeitado, cria-se a condição no bebê de ter um ideal. Mas, cria-se, também, a condição de ter um ego rejeitado, ou seja, um corpo sobre o qual se abate a sombra do objeto.

O nascimento é, pois, uma perda que solicita um luto. Mas, como toda desilusão, solicita, também, a melancolia, ou seja, o luto interminável e a sombra do objeto se abatendo sobre o ego.

Essa dinâmica, por sua vez, é muito distinta do complexo de castração – outro conceito psicanalítico elaborado depois da conferência aqui citada.

A dinâmica narcisista é vertical: ocorre no eixo da ilusão-desilusão, ou seja, ideal-dejeto. O narcisismo não supõe a possibilidade de um ideal a ser alcançado pelo desejo. A questão narcísica está referida ao ego ideal, uma atribuição de sentido proporcionada pelo outro.

A dinâmica do complexo de castração, por sua vez, ocorre no eixo da perspectiva: naquilo que, bem mais tarde, será chamado de ideal de ego. Algo que não existe, mas que abre perspectiva para a existência do ego.

Na base, então, da constituição do aparelho psíquico há a melancolia, ou seja, a dinâmica narcísica. Nesta perspectiva, a melancolia é vista como uma dinâmica conflituosa entre ego e superego, entre ego e ego ideal que pode se constituir numa neurose, através da repetição. Antes, porém, de se manifestar como uma patologia, o fundamento da melancolia se encontra na própria existência do humano.

A melancolia, assim concebida, é resultado da desilusão materna que, por sua vez, ocorre graças ao investimento narcisista num objeto sexual natural. A desilusão, ocorrendo no nascimento, produz o ódio e o desejo de vingança freqüentemente manifestado na depressão pós-parto, no horror parricida e outras manifestações de repúdio materno. Entretanto, diz Hilferding, o contato da boca com o seio reúne a mãe e o bebê. Trata-se, portanto, de um ato restaurador da unidade narcísica perdida no nascimento. Mas, como todo ato restaurador, resta sempre a marca da separação original, de uma perda que não termina, de um luto interminável ao qual Freud dá o nome de melancolia.

Referências bibliográficas

- **Aulagnier, Piera.** “O sentido perdido (ou o “esquizo” e a significação)”. In Chaim S. Katz (org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991, p. 145-182.

- **Freud, Sigmund.** “Luto e melancolia”. In *Obras psicológicas*, vol. 2. Cood. geral da trad. de Luiz Alberto Hanns. Rio: Imago, 2006, p. 99-122.

- **Freud, Sigmund.** *Cartas entre Freud & Pfister. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 1998, p. 85.

- **Hilferding, Margarete; Pinheiro, Teresa e Vianna, Helena Besserman.** *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta, 1991.

* Trabalho apresentado na Mesa Redonda “Ódio e fuga na melancolia”, sob coordenação da Profa. Dra. Ana Cecília Magtaz no 6º. Congresso Norte Nordeste de Psicologia, Universidade Federal do Pará, 6 a 9 de maio de 2009, em Belém, Pará, Brasil.

** Sociólogo, psicanalista, Ph.D. pela Universidade de Cornell, Ithaca, N.Y., USA, professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Brasil onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental, presidente (2002-2010) da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, editor de *Pulsional Revista de Psicanálise* e da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, membro da World Association of Medical Editors – WAME (Associação Mundial de Editores de Medicina), diretor da Livraria Pulsional e da Editora Escuta, autor de diversos livros e numerosos artigos.